



DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano I - nº 7

Vitória-ES

Dezembro de 2011

Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Comece o ano bem acompanhado!

Páginas 12, 13 e 14

MÚSICAS

LUGARES

LIVROS

FILMES

Circular é preciso

Páginas 8, 9 e 10

Nesta edição: *Antonio Bezerra Neto, Simone Neiva, Joyce Castello, Simone Marçal, Francisco Aurélio Ribeiro, Luiz Paixão, Ivo Godoy, Kátia Peterle Camargos, Marcelo Siqueira, Joca Thome*

USE E ABUSE



Foto: Erica Aguado

*Pelo mar o
museu fica
mais perto e
mais bonito*

Uma visita ao Museu da Vale fica ainda mais interessante se você chegar pelo mar. Na esteira do recém lançado documentário “Projetos Catraeiros”, organizado por Cleima Rabelo, experimente alugar uma catraia no Antigo Cais das Barcas, no centro de Vitória. O passeio dura quinze minutos e a embarcação leva de sete a oito passageiros e custa em média R\$40,00. Você terá uma hora inteira para visitar o museu e tomar o barco de volta. Diariamente das 7 às 19 horas. Aproveite, é verão.



GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

HERÁCLITO AMÂNCIO PEREIRA JÚNIOR
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

Conselho Editorial:

Erlon José Paschoal/Erlly Vieira Jr./Marcos Alencar/Reinaldo Santos Neves/Sérgio Blank

DIO

ADEMIR RODRIGUES
Diretor Presidente

MIRIAN SCARDUA
Diretor Administrativo-Financeiro

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

JOSÉ PAULO VIÇOSI
Secretário de Estado da Cultura

ERLON JOSÉ PASCHOAL
Subsecretário de Estado da Cultura

JOELMA CONSUELO FONSECA E SILVA
Subsecretária de Patrimônio Cultural

MAURÍCIO SILVA
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Diretor de Conteúdo

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Este Caderno pode ser
acessado nos sites
www.dio.es.gov.br
e www.secult.es.gov.br

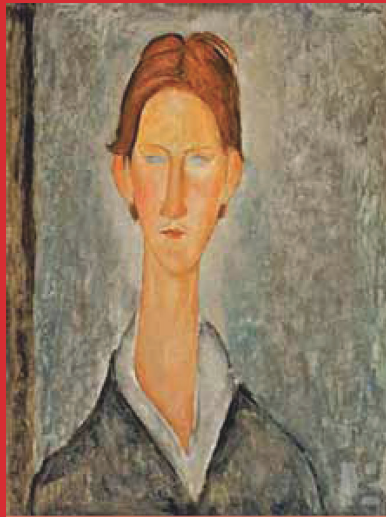


ARTES VISUAIS

Antonio Bezerra Neto

bezerrapoesia@gmail.com

Minutos com *Modigliani* em Vitória



Um Estudante, Modigliani, 1917




Antonio Bezerra Neto é Secretário de Cultura de Linhares

Costumo viajar léguas para vivenciar uma exposição de artes, principalmente quando disponho da companhia de um bom interlocutor para ajudar nas “espia-delas artísticas”. É do conhecimento de muitos, sim, é verdade, que chego a ser pródigo quando o assunto passa pelas artes plásticas, especialmente com a compra de quadros, mas dentro de um limite que posso chamar de “sanidade pelas artes”, embora já tenha feito aquisições louucas numa exposição na cidade de Ouro Preto, precisamente sobre Alberto da Veiga Guignard. Do pintor, comprei um óleo sobre tela datado de 1951 que, até hoje, corrói meus bolsos. A história é a aventura da liberdade, já dizia certo historiador amante da dialética. Na verdade, a vida é uma sã aventura, afoitemo-nos, pois.

“A arte pode ser ruim, boa ou indifere-n-te, mas qualquer que seja o adjetivo empregado, temos de chamá-la de arte. A arte ruim é arte, do mesmo modo como uma emoção ruim é uma emoção”, já di-zia Marcel Duchamp. Gosto dessas des-mistificações, desses tons polêmicos, já que as definições clássicas de arte não passam de pieguices fundadas por acadê-

micos distraídos em códigos enfadonhos.

E por nela falar, passei boas horas no Palácio Anchieta abismado com a exposi-ção sobre Amedeo Modigliani (1884-1920). A exibição traz 188 pinturas, esculturas, desenhos, documentos e outros itens do acerto do Instituto Modigliani, localizado em Roma. A Arte é a expressão do belo, de-finição comum até há décadas e que con-duz a outra demanda: O que é belo? Ai, a resposta se torna bem mais sofisticada. O que é motivo de chacota para uns, trans-forma-se em emoção para outros. Arte é con-tradição, no sentido pleno pregado pelo marxismo. Ando pela exposição. Vou me encantando e pensando na possibilidade de levar uma exposição dessa categoria para Linhares. Seria arrebatarador. Onde conseguir dividendos para tal atrevimento? O guarda passa e com fidalguia me chama atenção: “Favor recuar diante das obras!”. Vejo as muitas fotos do ateliê de Modigliani no incendiário bairro parisiense de Mont-martre. Um trabalho particularmente me chamou atenção: “Velho Barbudo”, 1900, lápis sobre papel. Todo pintor cresce quan-do mexe com seu cotidiano, e Modigliani não foge dessa máxima. Uma professora de História da Arte que caminha ao meu lado expressa que o pintor italiano era um devasso. E daí, cara pálida? Eu já penso: Amadeo Modigliani foi um vadio que per-cebeu os bons porres da modernidade eu-ropeia. O pintor nasceu sob o escudo de distintas culturas – era de origem judaica – revisitou o mundo das artes. Era incom-mum. Seus nus, que impacientaram seu tempo, revelam não sensualidade, mas um desnudamento da alma humana. Isso é di-visa para muitos artistas até hoje.

Já era poente quando fiquei mirando o restauro do Palácio Anchieta. No Salão Afonso Brás, remota nave da igreja que presentemente recebe exposições de arte, há uma mureta de esgrafito original do século 16 (período de glória dos jesuítas), feita de esterco, ostras e barro. E penso, como se fosse um estudante de Semiótica: Gente, piso o solo acalcanhado pelos Jesuítas. Isso me basta! 

ARQUITETURA

O Cais na

Um paralelo entre o Museu Ca

Entre os primeiros museus modernos brasileiros estão o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, projeto de Eduardo Affonso Reidy, e o Museu de Arte de São Paulo, assinado por Lina Bo Bardi. Criados quase simultaneamente, esses museus foram fundados graças a iniciativas conjuntas de intelectuais, artistas e da classe emergente de industriais e empresários. As propostas apresentavam particularidades, mas convergiam na intenção de colaborar com a construção de um país moderno. Embora em contextos urbanos diferenciados, as soluções arquitetônicas se assemelham, sobretudo no que se refere ao volume – ambos os museus são caixas elevadas e transparentes.

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o MAM, foi criado por Affonso Reidy em 1954. A localização no aterro do Flamengo, de onde se avis-

tam a imponente Baía da Guanabara e outros ícones cariocas – o Corcovado e o Pão de Açúcar –, tornou a paisagem fator determinante no projeto. Preocupado com a relação entre arquitetura e natureza, o arquiteto projeta um volume horizontal com fachadas envidraçadas, possibilitando a visão do mar e das montanhas. Uma estrutura de concreto eleva o museu do solo e permite que a natureza se integre visualmente à arquitetura por meio do térreo livre.

Em 1957, a convite de Assis Chateaubriand, a arquiteta Lina Bo Bardi projeta na Avenida Paulista o Museu de Arte de São Paulo – MASP. A proposta é inovadora. Uma imensa estrutura propícia à fantástica liberação do térreo e a vista livre para a cidade a partir de um belvedere. Originalmente o museu paulista surge como uma caixa opaca, mas na versão constru-



Simone Neiva é arquiteta graduada pela UFES, doutora em Projeto de Arquitetura pela USP.



Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1954). Volume transparente elevado por pórtico de concreto.

Simone Neiva

simoneiva@gmail.com

paisagem

Cais das Artes, o MAM e o MASP

ida o edifício apresenta-se como um enorme paralelepípedo envidraçado, suspenso por dois pórticos paralelos.

Em 2010, cerca de 60 anos mais tarde, diante de outra bela paisagem, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha depara-se com questões semelhantes às enfrentadas por Affonso Reidy e Lina Bo Bardi. Convidado pelo governo do estado do Espírito Santo a projetar um museu para a esplanada da Enseada do Suá, junto à Baía de Vitória, Mendes da Rocha, com a mesma reverência de seus antecessores à paisagem, suspende a arquitetura do solo, criando o Museu Cais das Artes. No projeto capixaba, no entanto, a transparência não é a tônica. O museu surge como um volume opaco com poucas aberturas. Teria sido Mendes Rocha menos sensível aos apelos da bela paisagem do que foram

Affonso Reidy e Lina Bo Bardi?

Composto por duas grandes vigas paralelas, afastadas e elevadas do solo por apenas três apoios, o Museu Cais das Artes permite, a partir de uma praça, vistas livres para o mar, para o deslocamento de navios e para o Convento da Penha. Em seu interior as poucas paredes, os mezaninos e as rampas possibilitam a comunicação visual entre os salões e a praça por meio de dois grandes planos envidraçados voltados para baixo. O espaço interno é fluido e contrasta com as fachadas duras e praticamente cegas. O museu é uma provocativa pedra no ar. Mas que fatores poderiam ter levado o arquiteto à decisão de propor um volume opaco em tal contexto?

Um dos importantes componentes na configuração de qualquer museu é a insolação. Affonso Reidy, por exem-

plo, ao projetar o MAM Rio, reconhece a eficiência da iluminação artificial para a proteção de objetos contra a luz solar, mas não dispensa a iluminação natural – segundo ele, “pelo sentido de vida e movimento que confere aos espaços e por uma variedade de sensações que a luz artificial não é capaz de proporcionar”. O arquiteto combina então a iluminação natural à artificial, opondo-se, na época, ao ponto de vista de especialistas sobre as vantagens da luz artificial no que se refere à conservação do acervo.

Consciente dos problemas da insolação, a arquiteta Lina Bo Bardi prevê, no projeto original do MASP, uma iluminação advinda somente da cobertura, prescrevendo paredes cegas, o que permitiria melhores condições de exposição e visualização das obras de arte. Mas na versão construída, a



Museu de Arte de São Paulo – MASP.
Versão original opaca, não construída.



Museu de Arte de São Paulo – MASP
(1957). Versão transparente, construída.

ARQUITETURA



Museu Cais das Artes (2007-2012). Visão da praça a partir do interior por meio de janelas voltadas para baixo.

incidência de luz no plano das obras expostas e o ofuscamento provocado pelas grandes vidraças das fachadas são inconvenientes às exposições. Tal incidência de luz, no MAM Rio, tende a ser minimizada pela sombra do pórtico em concreto que cobre parcialmente o vidro da fachada.

A partir da década de 1960 surgem novas questões museológicas, impondo uma série de ressalvas em relação aos cuidados com a preservação de obras expostas à luz natural, assim como problemas resultantes da competição entre obra e paisagem no caso de museus concebidos em total transparência. Após seis décadas, é possí-

vel que as experiências do MAM e do MASP, seus acertos e falhas, tenham sido referências importantes na concepção do museu capixaba. Ao projetar um volume opaco para o Museu do Cais das Artes, Paulo Mendes da Rocha busca adequar-se às normas para conservação de acervos. As resoluções do Conselho Internacional de Museus – ICOM, cada vez mais rígidas no que se refere à iluminação, são categóricas quanto à admissão de luz natural na arquitetura. Não são permitidas, por exemplo, “nenhuma luz intensa, nenhuma luz solar direta, nenhuma luz elétrica forte, em qual-

quer artefato colorido [...]”. Ao descrever o projeto do museu, Mendes da Rocha justifica a solução adotada argumentando que “o sol, por sua vez, nunca entra no museu, por isso as janelas são para baixo”. A experiência comprova que no calor e na insolação tropicais do Brasil a exposição direta de obras ao sol, radicalizada no projeto de Lina Bo Bardi, não se mostra eficiente. Em 1996, o MASP, com fachadas inteiramente de vidro, precisou recorrer ao uso intenso de ar condicionado, à instalação de persianas internas e a um sistema de paredes de gesso que simula o salão do museu tradicional. Assim, a intenção da arquiteta, de continuidade visual entre exterior e interior, entre museu e paisagem urbana, desaparece.

Diante de uma bela paisagem, Mendes da Rocha eleva o museu, como fizeram Affonso Reidy e Lina Bo Bardi, mas não cria um museu transparente. O Museu Cais das Artes, por meio das poucas aberturas, propõe um di-



Museu Cais das Artes (2007-2012). Volume opaco e elevado do solo.

Simone Neiva

simoneiva@gmail.com

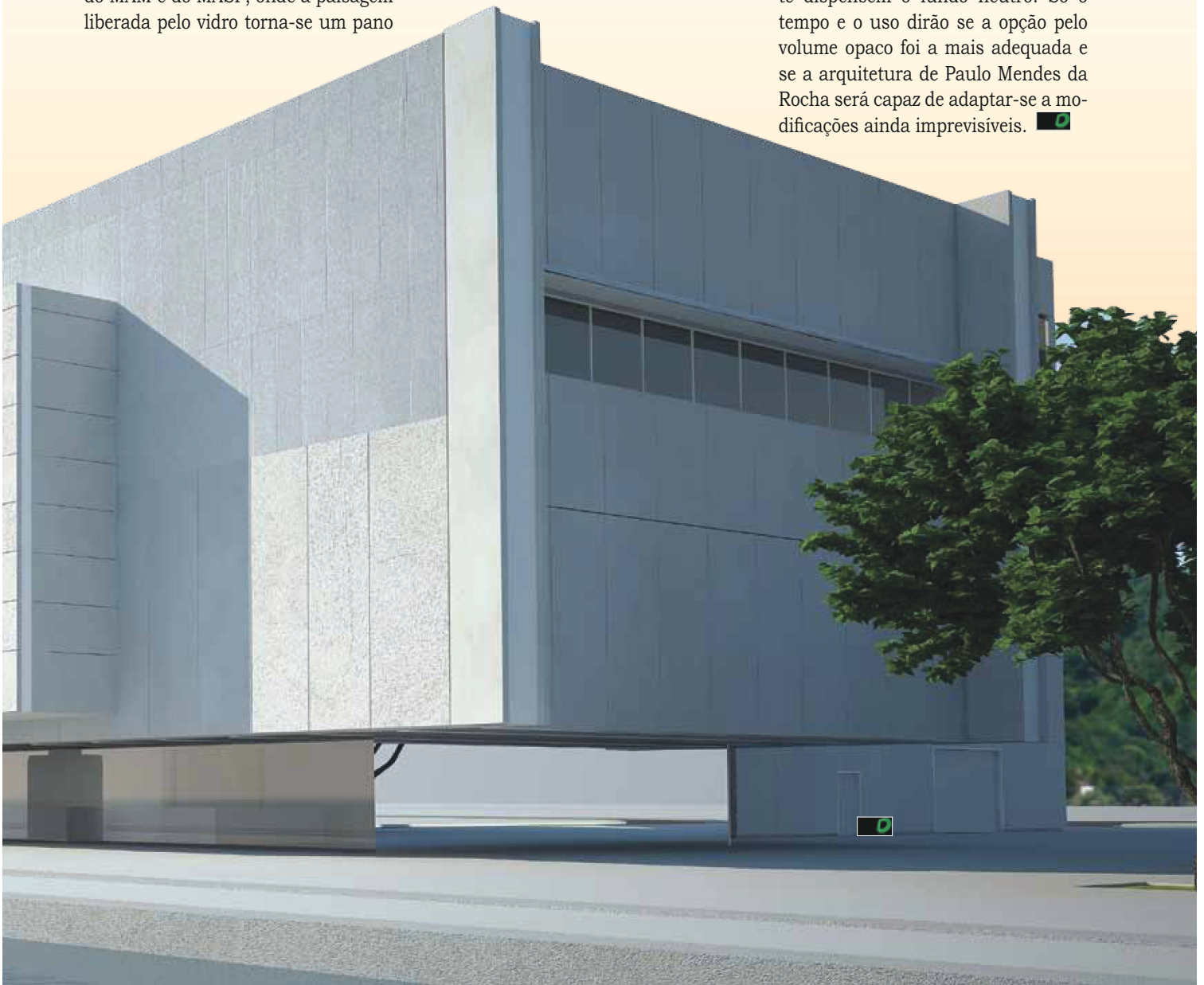
álogo menos direto com a paisagem a partir de seu interior. A face que dá para a cidade, onde a luz e o calor do sol da tarde são mais intensos, é inteiramente vedada. Na face voltada para o mar, o arquiteto cria três rampas-varanda externas, que definem as vistas para a paisagem em diferentes níveis. Uma vez no interior do museu, a paisagem desaparece, reaparecendo na passagem de um andar para o outro, ao subirmos em direção ao piso superior.

Sendo poucas as aberturas, todo o restante da superfície do volume é tomado pelo concreto, diferentemente do MAM e do MASP, onde a paisagem liberada pelo vidro torna-se um pano

de fundo para as obras. No interior do Museu Cais das Artes, as obras serão expostas contra um fundo de concreto pintado. Desse modo, o impacto da paisagem panorâmica é anulado e a obra de arte se insere em ambiente neutro. Se por um lado essa medida soluciona a competição entre arte e paisagem, por outro inibe possíveis relações entre a arquitetura e a arte, cultivadas pelas poéticas contemporâneas.

Todo arquiteto ao projetar leva em conta as possibilidades disponíveis em sua época. Pode ser que no futuro a transparência do vidro e a sustenta-

bilidade sejam mais compatíveis entre si e então a arquitetura do MAM e do MASP seja revista. Aparentemente a intenção de Paulo Mendes da Rocha, ao criar hoje um museu opaco, foi a de preservar as obras expostas à luz natural e minimizar os conflitos resultantes da competição entre obra e paisagem, recorrentes em museus totalmente transparentes. Em pouco tempo o Museu Cais das Artes estará exposto à vida e certamente, em algumas décadas, surgirão novas tecnologias e demandas museográficas. Talvez no futuro certas categorias de arte, ainda reticentes, definitivamente dispensem o fundo neutro. Só o tempo e o uso dirão se a opção pelo volume opaco foi a mais adequada e se a arquitetura de Paulo Mendes da Rocha será capaz de adaptar-se a modificações ainda imprevisíveis. ■



CIRCULAÇÃO CULTURAL

Circular é preciso

Presumir é um risco, mas vamos lá: certamente, a maior parte dos leitores deste caderno mora e trabalha na Grande Vitória e não tem, no dia a dia, dificuldade de acesso a opções de arte e cultura, quer sejam pagas, quer sejam gratuitas. Esses podem até se bastar com o cardápio relativamente mais incrementado de que dispõem, mas o que resta para o capixaba a alguns quilômetros de distância da zona metropolitana? Resta pouco [em termos de opções] –, mas o que resta não representa pouco. Pequenos veios são abertos para dar capilaridade às ações.

Mesmo que sejam pequenas as proporções geográficas, o Estado soma 78 municípios. Cada um deles oferece, à sua maneira, manifestações culturais e artísticas de caráter ímpar e só a partir de um regime de fluxos e refluxos é que os agentes envolvidos são capazes de chegar a novos públicos. A Secretaria de Estado da Cultura observou, em 2008, a urgência política pública que fizesse circular de uma direção para outra os artistas locais e suas propostas e lançou o primeiro Edital de Circu-

lação Cultural. Daquele ano até aqui, 92 espetáculos resultaram em 568 apresentações gratuitas para um público estimado de 100 mil pessoas.

Entre os contemplados estão bandas e grupos de teatro ou de dança. Trata-se da oportunidade que muitas produções independentes têm de não ter suas ideias sumariamente inviabilizadas. Bem lembrou João Moraes, responsável pela direção do espetáculo de Juliano Guache, em 2009, e pelo o de Amélia Barreto, em 2011: “cenógrafos, figurinistas, técnicos de som, roadies, músicos, atores, bailarinos, produtores e muitos outros profissionais da indústria cultural têm oportunidade de trabalho; os artistas têm oportunidade de amadurecer seus espetáculos e conhecer os equipamentos culturais do Estado, bem como os mais variados perfis de público”.

O Circulação funciona em parceria com prefeituras do interior, que recebem os artistas e a equipe técnica e se comprometem a oferecer um lugar e uma estrutura de palco para a apresentação. É bem verdade que, nem sempre, a encomenda



Joyce Castello é estudante de Comunicação Social da Ufes e trabalha em produções audiovisuais. Na Rádio Universitária, produz e apresenta o programa Pede Carona.

Joyce Castello

joycecastello@gmail.com



Fotos: Arquivo Secult

“ Circulamos com o espetáculo infantil “A Cigarra e a Formiga” por seis cidades do interior do Estado. Os moradores das cidades atendidas e das proximidades tiveram a oportunidade de assistir à uma peça premiada e bem produzida com figurinos, iluminação, sonorização e cenografia completos. Pudemos, ainda, interagir com os produtores culturais com os quais trocamos experiência e informações, tornando ainda mais proveitosa nossa passagem pelas localidades. ”

Rodrigo Campanelli



“ Acreditamos que conseguimos chegar muito próximo de tudo que havíamos planejado originalmente em nosso projeto, que era levar os shows do Mukeka di Rato para cidades do Espírito Santo que sempre tiveram dificuldades para promovê-los por conta própria, gerar o intercâmbio entre as bandas locais, dando a elas uma pequena oportunidade de se apresentar ao nosso lado usando o nosso equipamento e fomentar o comércio de material e merchandising, buscando novos pontos comerciais e distribuidores. ”

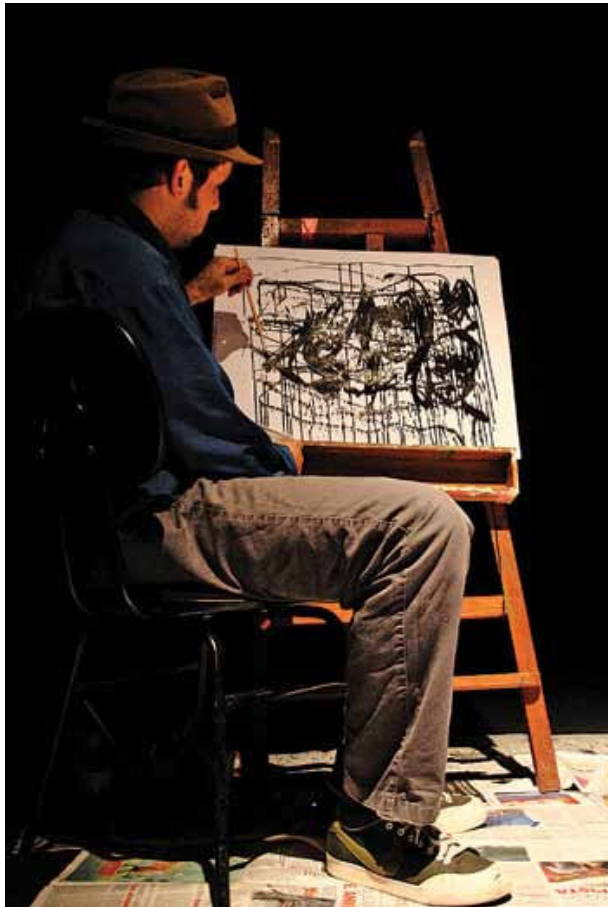
Fábio Mazine



“ Existe uma produção artística pulcra e contagiante, capaz de encher de orgulho os que nasceram ou adotaram nossa terra. Mas, para trazer a tona o Espírito Santo, é preciso romper fronteiras, e talvez a mais difícil delas esteja no coração dos capixabas. O Circulação Cultural faz isso! Não é apenas a chance do artista local mostrar seu talento, mas a oportunidade do povo encontrar sua identidade e se apaixonar por ela. ”

Amaro Lima

CIRCULAÇÃO CULTURAL




sai perfeita. Pode estar chovendo e o palco não ter cobertura ou, então, podem colocar a banda de pop rock para tocar debaixo de um sol escaldante. Por essas e por outras, é possível pensar meios de afinar a relação com os municípios, de melhor envolvê-los, inclusive no que diz respeito à divulgação dos espetáculos produzidos pelos contemplados no Circulação.

Um edital, irremediavelmente, carece de ajustes mesmo após seu lançamento. Sucedem-se as edições e as experiências para que haja um amadurecimento do pro-

cesso. A princípio, o importante é que a circulação ocorra e abra caminhos, vias expressas para que as iniciativas ganhem força e para que o público visualizado seja arrebatoado pelas opções de arte e cultura que pintam à porta – dos textos adaptados de clássicos do teatro aos roteiros originais; do forró ao hardcore, passando pela música para crianças; e, no caso da dança, coreografias multi-referenciadas.

Por fim, um último comentário: além de circular, a cultura precisa descentralizar seus agentes.,

trazer mais diversidade para o rol dos contemplados com o dinheiro público. Bacana seria ver um número maior de bandas, mais grupos teatrais e de dança de outras regiões do Estado para que não predominassem os nomes já mais conhecidos e bem articulados da Grande Vitória,. Mas aí entram em jogo uma série de questões que, em minha opinião, questionam, por exemplo, a meritocracia e a burocratização imposta pelos editais: só entra no jogo quem inscreve projeto e é aprovado. 

PRODUÇÃO CULTURAL

Simone Marçal
simone.parceirosdobem@gmail.com

A importância do *produtor* cultural

Muitas pessoas me perguntam o que é ser um produtor cultural. Pois bem, o produtor cultural é um profissional que precisa ter a sensibilidade para se relacionar com artistas e gestores, com a praticidade e objetividade necessárias para lidar com negócios.

Hoje a cultura, como mercado, reconhece a importância desse profissional para os eventos culturais. Profissionalizar a cultura é um desafio enfrentado dia-a-dia. É importante colocar a cultura como ponto essencial no processo de globalização. E saber valorizar isso é levar o ser humano ao sentimento de pertencimento, de saber quem ele é e a sua importância no contexto local e porque não dizer, mundial.


O produtor cultural está habilitado a cuidar de todas as etapas do processo de produção. No mercado de eventos todos se consideram produtores culturais, mas não é bem assim. Igualmente muitos artistas se dizem produtores e nem sempre o são. O bom produtor cultural sabe entender os sonhos do artista, mas acima de tudo, sabe meios de tornar esse sonho possível comercialmente. Ele é capaz de fazer o projeto, executá-lo e finalizá-lo, passando por pagamentos, recebimentos, contratações, captação de recursos e prestação de contas.

A cultura nos dias de hoje diz respeito a todo e qualquer cidadão. Todas as pessoas que pagam impostos, de uma forma ou de outra, patrocinam a cultura. O Governo do Estado do Espírito Santo tem investido cada vez mais em cultura, e isso é maravilhoso. O capixaba acha que o congo é sua identidade para o mundo. E é, mas não é somente isso. Temos muita cultura para nos identifi-

car e muitos artistas estão aí para provar isso, passando pelo teatro, dança, dança de rua, grafite e muitas outras manifestações.

Percebo que muitos jovens querem ser produtores culturais pelo glamour, mas é importante saber que o produtor é aquele cara que ouve o que muitos não querem, enfrenta desafios e transforma o que parece ser nada em um grande espetáculo. É a pessoa que consegue ver além do evento. Ele sabe o que pode fazer, ele conhece o processo, o projeto, a planilha e sabe como ninguém o que ele pode ou não conseguir com isso. Ele sabe inventar e reinventar, e sabe principalmente agir rápido para que tudo aconteça da forma mais perfeita possível e que o público não perceba as falhas e os erros.

Alguns preceitos fundamentais de um bom produtor cultural são a ética, a capacidade de se reinventar e o conhecimento das pessoas e suas culturas. Só assim ele é capaz de aprender a realidade de cada evento e fazer disso uma base para o seu sucesso.

O produtor tem que ser desinibido, criativo, pró-ativo e dinâmico. Ele faz de tudo um pouco. O evento pede isso e nem sempre ele tem uma equipe grande ou um grande orçamento. Ele é o primeiro a chegar e o último a sair do evento. É o mínimo e o máximo do processo. Ele deve ter jogo de cintura, saber gerir pessoas, equipes, ser duro, mas saber elogiar. Eu sempre brinco que o produtor é a “bruxa má” do evento. Ele é perfeccionista e quer o melhor, exige dos seus fornecedores e é cobrado pelos seus contratantes. Ele quer o melhor para o seu evento. E acima de tudo, ele ama o que faz e faz com paixão. 



Simone Marçal é formada em Rádio e TV, produtora cultural e produtora executiva do Instituto Parceiros do Bem

Francisco Aurélio Ribeiro
faribe@gmail.com



Comece o ano em

Leituras para as *férias*

A convite do **Caderno D** quatro especialistas do nosso mundo cultural listaram sugestões de livros, lugares, músicas e viagens virtuais. Um rico programa para suas férias na opinião de Francisco Aurélio Ribeiro, Kátia Peterle Camargos, Luiz Paixão e Marcelo Siqueira. Aproveite!



Francisco Aurélio Ribeiro é professor e escritor. Membro da AEL e do IHGES

Seguem algumas sugestões de livros para se ler nas férias. Fiz a seleção pensando na qualidade literária dos livros e autores indicados e na diversidade de modalidades de textos (romance, conto, crônicas, poemas e literatura infantil), já que os leitores também devem ter gostos diversos. Como sou capixabófilo de carteirinha, todos os autores são capixabas ou vivem no Espírito Santo. Segue a lista:

1) *A Longa História* - Romance de Reinaldo Santos Neves. Um dos melhores livros que já li na vida. Ambientado na Idade Média, conta a história do jovem copista Grim de Grimsby, na árdua missão de percorrer 2.000 km de estrada, sujeito a todo tipo de perigos e tentações, para encontrar um velho contador de histórias, Posthumus de Broz, copiar-lhe a *Longa História* e levá-la para atender ao último desejo da velha condessa de Kemp, na outra ponta da Europa.

2) *História de uma escadaria* - LLJ- Neusa Jordem Possatti. Qualquer leitor, e não só as crianças, adorará ler essa história sobre a escadaria Maria Ortiz, um dos monumentos históricos de nossa capital, Vitória, e que homenageia a heroína capixaba, símbolo da mulher guerreira, no período da colonização ibérica. A história revive a personagem histórica como criança levada, brincando na antiga ladeira, que depois levaria seu nome, por causa da sua participação na defesa da cidade contra os holandeses, em 1625. Belissimamente ilustrada por Valeriano, foi publicada pela Ed. Nova Alexandria, SP.

3) *Arcano dezoito* - Poemas de Renata Bonfim. Seus versos tratam dos sentimentos universais do ser humano, amor, solidão, erotismo, memória, indignação, religiosidade ou misticismo, indignação, revolta. Segunda a doutora Anna Kalewska, que assina a orelha, "O Arcano dezoito é a revelação do profundo segredo e do enigma da feminilidade regenera-

dora sem ser-se-aí com si própria, como o (ex) amante e com o Mundo".

4) *Embaralhando palavras*- Poemas de Ítalo Campos. Escrever para criança, sem ser didático ou moralista, é sempre um desafio. Fazer poesias para esse público, então, mais difícil ainda. Pois o psicólogo e poeta autor desse livro o consegue e com muita propriedade. Escrito de uma forma lúdica, usando e abusando da criatividade, do jogo de palavras, algum nonsense, humor e metáforas adequadas ao público a que se destina, esse livro é uma obra-prima. Qualquer leitor e não só as crianças adorarão essas poesias.

5) *Navegantes* - Contos de Roberto Mazzini. Ivan Borgo é um escritor que publica com parcimônia, mas, a cada vez que o faz, nos brinda com uma joia rara. Nesses vinte e cinco contos, sobrevive a magia dos antigos contadores de causos, na cozinhas aquecidas pelas brasas dos fogões, ou ao pé das fogueiras acesas, em noites de lua cheia. São histórias de quem gosta de escrever ou contar para quem gosta de ler ou ouvir. Histórias que nos falam de um mundo que já não mais existe, quando não havia celulares, tvês ou computadores e as pessoas tinham mais tempo umas para as outras.

6) *Kitty aos 22*: divertimento - Romance de Reinaldo Santos Neves. Não resisto e indico outro livro do RSN. Esse totalmente diferente do primeiro. É a história de Kitty, batizada Maria Catarina, estudante universitária de Comunicação Social, 22 anos, e os acontecimentos de uma semana de julho. A história se inicia no enterro de dois amigos homossexuais de Kitty, assassinados brutalmente e termina uma semana depois, ali bem perto. RSN pesquisou em blogs, em revistas de moda, para construir o mundo de Kitty e seus amigos, nesse romance-testemunho de seu tempo e de uma geração marcada pelo consumismo.

na boa companhia

Luiz Paixão

7) À Sombra do Holocausto – Romance de Neida Lúcia Moraes. É a história de Nuno Alves de Miranda, agricultor, humilde, mas que sabia ler e escrever, tinha ideais e crenças, fato que o pôs a perder diante de seus vizinhos e o levou a se tornar réu da Inquisição, no início do século XVIII (1710). A autora, em suas pesquisas em Portugal, encontrou esse processo e deu vida ao personagem, reconstruindo sua vida e o cenário da época em que viveu.

8) Sebastianus. Pinturas de Atílio Colnago. – Alda Luzia Pessotti. Fruto de um trabalho de conclusão de curso de Artes Plásticas na UFES feito pela professora Alda Pessotti, pedagoga, esse livro é um dos mais belos trabalhos de reflexão sobre a obra de arte de um dos nossos maiores artistas plásticos contemporâneos Atílio Colnago. Publicado pela Edufes, em 2010, com apoio da Secult, é uma obra-prima, livro que merece figurar em toda sala de recepção, em toda estante de casa elegante, em toda prateleira de leitor amante das belas artes.

9) Guido, a folha e o capim – Paulo Roberto Sodrê. Obra vencedora do edital Secult, em 2010, é uma beleza de sensibilidade e encantamento do poeta Paulo Roberto Sodrê ilustrada por Iclêa Santos. Paulo escreve para crianças, poeticamente, brincando com as palavras, da mesma maneira que faz em seus outros livros de poesia, sem se preocupar em reduzir o trabalho estético em função do público a que se destina

10) Agudas & Crônicas- Jace Theodoro. Jace, misto de jornalista, cronista e bailarino, é um dos mais inventivos cronistas surgidos na nova geração e que publica, quinzenalmente, no jornal A Gazeta. Jace brinca com a realidade, tem um humor ferino, sabe fazer uma crônica debochada, irônica, engraçada, sem perder o olhar crítico e lírico, tão necessários para dialogar com o leitor contemporâneo do veículo a que se destina, o jornal.

Para *ouvir* sempre

Difícil escolha para um número tão reduzido de sugestões. Há muito, mas muito mais coisas lindas para se ouvir. Mas aqui está um bom resumo.

1 – Body and Soul (Edward Heyman, Robert Sour e Frank Green)
Interpretes: Coleman Hawkins – sax tenor e Ella Fitzgerald – Vocal

2 – Sophisticated Lady (Duke Ellington, Mitchell Parish e Irving Mills)
Interpretes: Ella Fitzgerald e All Stars

3 – Adios Noniño (Astor Piazzola)
Interprete: Astor Piazzola

4 – Eu te Amo (Chico Buarque)
Interpretes: Chico Buarque e Paula Morelembaun

5 – Imagina (Tom Jobim e Chico Buarque)
Interpretes: Djavan e Olivia Byington

6 – Wave (Tom Jobim)
Interpretes: Oscar Peterson, P. e Orquestra – arranjo de Claus Ogerman

7 – Garota de Ipanema (Vinicius de Moraes)
Interpretes: Tom Jobim, Gal Costa e All Stars

8 – La Vie en Rose (Edith Piaff e Louis Gugliemi)
Interprete: Edith Piaff

9 – Águas de Março (Tom Jobim)
Interpretes: Tom Jobim e Elis Regina

10 – What are you doing the rest of your Life (Allan e Marilyn Bergman)
Música Original escrita por Michael Legrand
Interprete: Johnny Mathis

11 – I've Got you under my Skin (Cole Porter)
Interprete: Diana Krall

12 – Aquarela do Brasil (Ari Barroso)
Interprete: Gal Costa

13 – Rosa (Pixinguinha e Otavio de



Luiz Paixão é profundo conhecedor de jazz, dorme, toma café, almoça e janta o que há de melhor na música do mundo inteiro.

Souza)
Interprete: Lúcio Alves

14 – The Man I Love (George e Ira Gershwin)
Interprete: Lena Horne

15 – Stormy Weather (Harold Arlen e Ted Koehler)
Interprete: Lena Horne.

16 – Stardust - (Hoagy Carmichael)
Interprete: Artie Shaw e Orquestra

17 – Early Autumn (Johnny Mercer)
Interpretes: Woody Hermann e Orquestra de King Sisters

18 – Recuerdos (Johani Richards)
Interprete: Orquestra de Stan Kenton.

19 – Ana Luiza (Tom Jobim)
Interpretes: Lúcio Alves, MPB 4 e Quarteto em CY

20 – Embraceable You – (George e Ira Gershwin)
Interprete: Oleta Adams e Nat King Cole Trio

21 – La Cumparsita (Gerardo Matos Rodriguez)
Interprete: Carlos Gardel

22 – All the things you are (Jerome Kern e Oscar Hammerstein II)
Interprete: Andy Williams

23 – You must believe in Spring (Allan e Marilyn Bergmann, J. Demy e Michael Legrand)
Interpretes: Tony Bennett e Bill Evans

Kátia Peterle Camargos
kcamargos@findes.org.br



Comere o ano em boa companhia

Passeios *culturais* no Espírito Santo



Kátia Peterle Camargos é formada em administração com especialização em Gestão de Turismo

As férias de verão se aproximam e com elas planejamos passeios e viagens para relaxar, se divertir ou conhecer novos lugares. A primeira idéia é um destino de sol e praia, onde possamos passar momentos à beira mar, apreciando as ondas e tomando sol. Mas podemos tirar proveito desse destino e buscar atividades que nos proporcionem novas sensações e descobertas, principalmente contribuindo para o nosso conhecimento de uma forma simples e prazerosa.

Uma tendência mundial que se mostra cada vez mais forte é a busca pelo

contato direto com os atores locais, onde o turista interage com o artesanato, por exemplo, ouvindo como ele faz determinado objeto, como aprendeu com os pais e avós e qual a importância dessa atividade para a sua história familiar e comunitária. Essa é uma prática do turismo cultural, que compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando os bens da cultura local. Eles revelam ou expressam a memória e a identidade das populações e comunidades, traduzindo a formação de suas características.

Conhecer um destino turístico é mais que conhecer suas belas paisagens, é conhecer sua história, seus costumes e tradições. É possível interagir visitando arquivos, edificações, conjuntos urbanísticos, sítios arqueológicos, ruínas, museus, manifestações como música, artes visuais e cênicas, festas e celebrações, eventos gastronômicos, religiosos, musicais, de dança, de teatro, de cinema, exposições de arte, de artesanato e outros.

O Espírito Santo possui grande riqueza

za cultural e proporciona muitos passeios, onde pode-se compreender melhor a formação do seu território e do seu povo. Em Vitória, o Centro Histórico possui 33 monumentos que contam a história capixaba desde o XVI, e dentre eles está o imponente Palácio Anchieta, que além de ser um rico patrimônio, abriga ótimas exposições.

Podemos destacar ainda em Vitória, as Paneleiras, que mantém o mesmo processo de fabricação das panelas de barros da época do descobrimento do país e hoje é declarado Patrimônio Cultural do Brasil. Há também: o Convento da Penha, em Vila Velha, o Porto, as ruínas e o Centro Cultural de São Mateus, aldeias indígenas em Aracruz, casario de Santa Leopoldina e Muqui, Santuário Nacional de Anchieta, Igrejas históricas e outros. Muitas também são as manifestações como o congo, o ticumbi, a folia de reis e muito mais. Além disso, há as várias etnias que formaram a população do Estado que se fazem presentes na cultura capixaba de muitas formas, na arquitetura, como em Domingos Martins, e nas delícias do agriturismo, em Venda Nova do Imigrante.

Portanto, aproveite suas férias ou um tempinho livre e preencha com o que o Espírito Santo tem a oferecer. Com certeza, você vai se surpreender!



Marcelo Siqueira é produtor cultural, roteirista e cinéfilo inveterado

O cinema é a arte do encantamento e da reflexão. Por alguns minutos os filmes te levam a uma dimensão especial onde tudo é possível. Abaixo listei 10 filmes para se assistir nas férias. São obras com estilos e temáticas diferentes, mas com alguns pontos em comum. Junte a família, pegue a pipoca e boa viagem. Seguem as sugestões:

1. Cinema Paradiso (1988, ITA) – Uma aula de cinema ministrada de forma competente, com altas doses de criatividade, sensibilidade e bom gosto.

2. Meia noite em Paris (2011, EUA, ESP) – Uma bela homenagem do diretor Woody Allen a Paris. Uma obra repleta de humor e referências culturais.

3. Meu Malvado Favorito (2010, EUA) – Filme de animação que trata de muito bom humor as relações afetivas, as perdas, os encontros e as novas conquistas.

4. As Melhores Coisas do Mundo (2010, BRA) – Narra situações comuns a um jovem de 15 anos nos dias atuais, relacionamento entre pais e filhos, bullying e a descoberta do amor.

5. Comer, Rezar, Amar (2010, EUA) – A viagem de autoconhecimento da personagem de Julia Roberts é uma reflexão sobre o modo de vida moderno.

6. A Árvore da Vida (2011, EUA) – Terrence Malick transformou seu mais recente filme em um maravilhoso e bem construído tratado so-

bre a existência humana.

7. Ladrões de Bicicleta (1948, ITA) – Um olhar sensível e verdadeiro, quase documental sobre a Itália do pós-guerra com as cicatrizes sociais deixadas pelo grande conflito

8. A Fita Branca (2009, AUF, FRA, ALE, ITA) – Como um sistema rígido e cruel implantado num sistema social restrito pode contaminar até as mais jovens e inocentes criaturas.

9. A Rede Social (2010, EUA) – Filme sobre os criadores do Facebook, a grande revolução moderna na forma de interação entre as pessoas. O curioso é que disputas jurídicas deram fim a amizade existente entre os jovens amigos.

10. A Origem (2010, EUA) – A obra une um roteiro engenhoso, uma bela fotografia com os mais modernos efeitos digitais capazes de transformar sonhos em realidade fílmica.

Marcelo Siqueira

marcelofsiqueira@gmail.com

10 Filmes para as suas férias

Das metrópoles às *florestas* invisíveis

Gosto de pensar a relação do ser humano com as experiências digitais como a noção mais próxima que podemos chegar do tempo informatizado: o tempo da transmissão de dados. Se nos dedicarmos a imaginar a imensidão de feedbacks (respostas) por micro segundos que evocamos da máquina quando acionamos recursos de alto processamento de dados, bits e pixeis podemos partir para uma compreensão ampliada das relações e do uso que fazemos dos aparelhos computadorizados ou informatizados. Seria um bom começo pensar no uso que fazemos da internet por exemplo. Não para compreender como um programador, designer ou qualquer outro profissional que vivência no seu dia-a-dia complexas minúcias tecnológicas, mas como pensadores, como seres que usufruem de uma consciência humana e se percebem no mundo.


Embrenhar-se em uma reflexão sobre experiências digitais é um ato de buscar fazer consciência diante de complexos circuitos e sistemas de linguagens específicas que as tecnologias escondem por trás de suas interfaces interativas. Seria como, por um acesso rápido, você saísse do ambiente onde está e entrasse em uma floresta de mata atlântica nativa, só que matéria e transparente, praticamente invisível. Você a toca, mas não a enxerga. Imagine se ver numa paisagem de horizonte aberto, aparentemente livre de obstáculos, mas difícil de se deslocar em meio a uma densa mata fechada e invisível. Máquinas e softwares são programados para abrir trilhas nessa floresta de códigos invisíveis. Mas que caminho cada um de nós estamos traçando e percorrendo? Que ferramentas usamos para nos orientar e abrir caminhos na rede de informações?

Temos hoje à nossa disposição uma imensa gama de ferramentas que criam gigantescas vias e artérias de fluxo de informação como as redes sociais - facebook, orkut, twitter, you tube, vimeo, ning, linkedin, wordpress, entre tantas outras. Muitos artigos apontam essas redes como verdadeiros países virtuais.

Gosto de pensar nelas como metrópoles. As páginas principais (home) desses sites são verdadeiros conjuntos de prédios e arranha-céus com uma verdadeira Times Square de informações em que é possível fazer “escaladas” para ler todos os destaques e feeds de notícia em meio aos banners publicitários. Verdadeiras Tóquios virtuais com pessoas surgindo e sumindo a todo instante diante das nossas telas.

O tempo de apreensão e percepção das informações nesses lugares são fiéis metáforas que comparam circuitos eletrônicas com circuitos de fluxo urbano. E isso não é uma apreensão minha, vide Koyaanisqatsi: Life Out of Balance, filme de Godfrey Reggio com as geniais composições musicais de Philip Glass que, no auge da sua metáfora, apresenta imagens aéreas de grandes metrópoles sobrepondo imagens de placas de circuito de computador.

Caso queira desviar-se por um momento do caos das “metropolitanas” redes sociais em busca de outros ares e paisagens, você pode encontrar pequenas clareiras abertas e refúgios em forma de blog. Pequenos desvios em sua rota cotidiana. Caso esteja procurando respirar a arte e cultura jovem, fica a dica de uma pequena vila que surgiu e tem crescido nesses últimos dois anos o Portal Yah! (portalyah.com). A vila está repleta de informações sobre iniciativas culturais praticadas por jovens incentivados pelo Programa Rede Cultura Jovem durante o ano de 2011, mais precisamente entre os meses de março a novembro, onde ocorre a alta temporada de atividades e visitas ao Portal. Os conteúdos estão organizados em blogs colaborativos geridos por mais de 90 autores que escrevem diariamente sobre as mais diversas linguagens artísticas e culturais.

Caso queira praticar essa espécie de turismo cultural digital acesse o Yah! e aproveite para levar um pouco da vila para a sua rede. As postagens contam com ferramentas de compartilhamento que servem como vias de conexão para as megalópoles sociais digitais. Bom passeio! E nos vemos por aí! 



Ivo Godoy é webdesigner na Rede Cultura Jovem

FOTO

Joca Thome

joca@tamar.org.br



**Farol de Regência no
litoral de Linhares,
construído em 1895.**